

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
MALAMOR/TAINTED LOVE – REALIZADORES CONVIDADOS:
JOÃO PEDRO RODRIGUES E JOÃO RUI GUERRA DA MATA
com a BoCA – Bial de Artes Contemporâneas
11 de setembro de 2025

OÙ EN ÊTES-VOUS, JOÃO PEDRO RODRIGUES ? / 2017

Um filme de João Pedro Rodrigues

Realização: João Pedro Rodrigues / *Argumento:* João Pedro Rodrigues, incluindo passagens de Nathaniel Hawthorne (*The Birthmark* [1843]) e Henry David Thoreau (*Walden* [1854]) / *Direção de Fotografia:* João Pedro Rodrigues, Jacob Wiener, José Magro, João Rui Guerra da Mata, Amândio Coroadó / *Som e Misturas:* Nuno Carvalho e Martin Delzescaux (*recorder misturas*) / *Montagem:* João Pedro Rodrigues, Tomás Paula Marques / *Colorista:* Marco Amaral / *Interpretações:* João Pedro Rodrigues, João Rui Guerra da Mata, Sónic (o gato), Fernando Godinho, Amândio Coroadó, Maria Rosa Colaço, Maria João Guerra da Mata, Ricardo Meneses / *Produção:* João Pedro Rodrigues (Filmes Fantasma), Le Centre Pompidou e Le Fresnoy, Studio national des arts contemporains (coprodução) / *Assistência* (Le Fresnoy): Charlotte Bayer-Broc / *Pinturas:* João Gabriel Pereira / *Desenho:* Philippe Morin / *Cópia:* DCP, a cores, falado em português e em inglês com legendas em português / *Duração:* 20 minutos / *Estreia Mundial:* 8 de maio de 2017, no Harvard Film Archive / *Inédito comercialmente em Portugal, com passagem na Cinemateca Portuguesa em 24 de julho de 2017.*

NUDE DESCENDING A STAIRCASE, 2020 / 2020

Um filme de João Pedro Rodrigues

Realização, imagem: João Pedro Rodrigues / *Montagem:* Pedro Teixeira, João Pedro Rodrigues / *Produção:* João Pedro Rodrigues (Filmes Fantasma) / *Cópia:* DCP, a cores, sem diálogos / *Duração:* 1 minuto / *Estreia Mundial:* em linha na página da galeria digital Decameron Row, em 2020 / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira passagem na Cinemateca Portuguesa (e primeira apresentação em sala).*

Où en êtes-vous, João Pedro Rodrigues ? é apresentado, pela primeira vez em Portugal, na “versão original”. Este e **Nude Descending A Staircase, 2020** são apresentados com **Absences Répétées**, de Guy Gilles (“folha” distribuída em separado).

Sessão com a presença de João Pedro Rodrigues e João Rui Guerra da Mata.

OÙ EN ÊTES-VOUS, JOÃO PEDRO RODRIGUES ?

E Deus me livre de separar o que Ele mesmo uniu, ou seja: o corpo e o espírito.

Anónimo, *A Nuvem do Não-Saber*, finais do século XIV

Como às vezes acontece, a grande metamorfose dá-se na imagem. O que vemos nos primeiros instantes é um corpo, oferecido, palpável, completamente despido, pronto a ser verificado como matéria, como “coisa deste mundo”. Mas estamos no cinema de João Pedro Rodrigues, onde o que é tangível tende à sublimação, a diluir-se num fluxo de estados mentais, em que será ténue a linha que separa o concreto do inconcreto, o sonho da realidade, o fetiche da ciência. O corpo nu de João Pedro Rodrigues também não é o corpo nu de João Pedro Rodrigues, porque – o jogo de reflexos/reflexões que se avizinha permite-

nos perceber melhor isto – tudo é imagem, tudo é, em latim, *imago*, uma sombra, um duplo, um espectro, uma aparição, uma alucinação de qualquer coisa, vestígio de uma impressão do mundo.

O nu “residual” de João Pedro Rodrigues *incarna* depois no tempo da memória – a da vida e do cinema – e no tempo da Natureza, por via da observação empírica – João Pedro Rodrigues é um cinéfilo e um observador da Natureza e seus fenómenos (a mesma Natureza-Deus de Goethe? Ou a mesma Natureza de Thoreau e Hawthorne? Acho que a resposta é: a mesma, quase a mesma Natureza do seu filme **O Ornitólogo** [2016]). Na transumância entre o eu como corpo e um corpo de imagens que se liquefaz, perdemos um rumo certo e seguro. O texto dito em *over* – excertos de textos da autoria de Thoreau e Hawthorne – baliza um pouco a torrente de imagens vindas de vários sítios – de todos os sítios – ao mesmo tempo, numa cine-demografia da mente tão pessoal quanto etérea. O que João Pedro Rodrigues forma aqui, a partir da referida e inesperada nudez, é tão-somente o seu “dis-curso”, um curso que vai-e-vem entre a matéria do mundo (os corpos, o sexo, a luxúria) e a matéria pouco palpável de que é feita a sua transcendência (os espíritos, a amizade, o amor).

Recordo como esse mesmo corpo era mutante num filme poderosamente alegórico como **O Ornitólogo**: a sua “aparição” vinha desestabilizar o lugar de “quem observa”, apontando para a presença de um “Grande Outro” qualquer. Como o próprio João Pedro Rodrigues assumiu em entrevista ao *site KinoScope* (15 de julho de 2018), podemos ver este filme como “um apêndice de **O Ornitólogo**”. Com efeito, somos encaminhados aqui para o mesmo tipo de transumância, sendo que nos podemos deixar levar – no seu bater de asas – pelas borboletas-monarca que, em movimento migratório, fogem do frio da América do Norte. O espectador sentirá que qualquer coisa (lhe) foge neste filme, à medida que se deixa ir no fluxo ou no voo, mas, por vezes, voltará a poder agarrar em qualquer coisa ou descer à terra. Pode ser uma lembrança, pode ser a imagem dos túmulos “que se enfrentam” de Hawthorne e Thoreau, pode ser uma ideia neles colhida que ressalta nas imagens e as ilumina, pode ser isto e muita coisa, mas a sensação de estarmos perdidos é crucial para este “vir à tona”, para sermos fulminados por uns quantos lampejos de cognoscibilidade, para usar um “palavrão” de Walter Benjamin pese embora pensando sempre, até aqui, no “outro *Walden*”, entenda-se, nos **Diaries, Notes and Sketches** (1969) de Jonas Mekas. Este migratório ir e vir, tal como a imagem-fantasma circulando, entalada, pelo campo e o contracampo estabelecidos entre as ideias/túmulos de Hawthorne e Thoreau, talvez seja o movimento que melhor sintetiza o que João Pedro Rodrigues tem procurado, sobretudo nos últimos anos. Não me parece acidental que **Morrer Como Um Homem** (2009) e **O Ornitólogo** sejam os filmes mais presentes em **Où en êtes-vous, João Pedro Rodrigues ?**, filme-fluxo que resulta, enfim, numa reflexão do “eu” como – somente isso mas... que mar de possibilidades! – um corpo de imagens. Esses títulos eram os que melhor captavam o espírito daquele “aqui e agora”, instante concreto em que, por via deste filme, João Pedro Rodrigues, nu, contempla a paisagem natural, talvez buscando aí a resposta à pergunta contida no título (que remete para o verbo “estar”, mas é puxado pelo verbo “ser”).

O rosto de corpo despido aparece, assim, na reflexão vítrea, sobreposto à paisagem, mas o efeito foi encontrado e não imposto à imagem. Esta sobreimpressão *in natura* dá conta do que já sugeri: as imagens como fluxo e o cinema de João Pedro Rodrigues pelo próprio João Pedro Rodrigues não podem ser mais do que uma série de sedimentos vogando numa torrente mental, que é do próprio João Pedro Rodrigues mas que também é nossa, seus espectadores. Não se deixe iludir: aquela inesperada nudez frontal com que o filme abre é mesmo para si. A relação fantasmal que estabelecemos com todas estas “sugestões” é perfeitamente empática com a relação fantasmal ou, de novo a palavra, “residual” que o próprio realizador mantém com os seus filmes. Confidenciou na referida entrevista, dada em inglês: “Mas a minha ideia é sempre esquecer-me deles [dos seus filmes] de modo a partir para o próximo filme. De certa forma, tenho de matar cada filme para poder fazer um novo. (...) Penso que tens de te desligar (*detach*) do teu próprio trabalho.”

Talvez nesse *detachment* radique o mais belo efeito deste pequeno filme comissariado pelo Centro Pompidou, por altura da grande retrospectiva que foi dedicada ao cineasta português. O corpo que se imprime nas imagens (in)concretas da Natureza, do mundo (da memória e dos filmes, da pintura e da

viagem, autênticas *phantom rides*), está sempre dentro e está sempre fora, quicá aspirando a aceder, por via da graça da contemplação, a uma espécie de “nuvem do não-saber”, para citar um influente, ainda que anónimo, texto medieval sobre os caminhos do espírito. Está lá, mas não está lá. Talvez esteja aqui, sob a forma de filme, o melhor *after thought* possível para compreendermos o exercício exigente e irregular que enforma **O Ornitólogo**, porque nele tudo parece escapar e se transcender perante a presença de um “Grande Outro”, que se imiscui, confunde, fere, “mata”. Falo de João Pedro Rodrigues. Falo do seu corpo (ir)realizado e oferecido.

Luís Mendonça

NUDE DESCENDING A STAIRCASE, 2020

Na sua versão “definitiva”, aquela que foi apresentada no Centre Pompidou (e que hoje se projeta na Cinemateca – pela primeira vez desde então, uma vez esta não pôde circular, por questões legais resultantes da falência da produtora portuguesa de **O Ornitólogo**, Blackmaria, e da indeterminação dos direitos do filme), **Où en êtes-vous, João Pedro Rodrigues ?** termina com o derradeiro plano do *corte* da garganta do próprio realizador, mas na sua versão integral, não entrecortado com o plano mimético de Paul Hamy (e não reduzido apenas à faixa de som como acontecia na versão do filme que circulou). Aí, na sua “completude”, expõe-se todo o artifício daquela cena, todo o artifício do próprio cinema. O sangue falso continua a escorrer, o realizador permanece de pé e, quando por fim o líquido deixa de expelir, Rodrigues baixa o olhar, encara a câmara e ainda a tremer abre as mãos pintadas de vermelho. O artifício do efeito acaba por deixar marcas e pressente-se, no seu rosto atarantado, uma verdadeira experiência de morte. Afinal o cinema pode ser simultaneamente realista e fantasioso, cruel e milagreiro, documento e ilusão. “A personagem vive e morre várias vezes. Morreu e está vivo, é um final feliz. O filme sou eu a pensar que continuo vivo” disse o realizador em entrevista a propósito de **O Ornitólogo**, mas podia tê-lo dito também a propósito deste ensaio autorreflexivo.

Se esse último plano de **O Ornitólogo** tem uma segunda vida (ou uma segunda morte) em **Où en êtes-vous, João Pedro Rodrigues ?**, o primeiro plano de **Où en êtes-vous** tem também uma segunda vida em **Nude Descending a Staircase, 2020**. Este pequeníssimo filme de menos de um minuto (são, ao todo, 55 segundos) resulta de um desafio da Decameron Row, uma de galeria digital posta em prática em parceria com a Los Angeles Review of Books onde uma centena de artistas foi convidada a apresentar um vídeo de um minuto de duração, como repositório de vivências do ano pandémico de 2020. O contributo de João Pedro Rodrigues foi (mais) um exercício de variação, desta feita sobre aquele plano da escada em caracol que termina com as pernas e o sexo nu do realizador, cortado pela cintura. Partindo dos vários *takes* desse plano, Rodrigues sobrepõe de forma sucessiva as várias tomas que preservam a figura estruturante da escada, mas espectralizam a presença humana. Pernas sobre pernas, sexos sobre sexos, a imagem torna-se quase abstrata – uma fantasmagoria. Se dúvidas restassem, o título logo as esclarecia. Ao remeter para a famosa pintura de Marcel Duchamp, *Nu descendant un escalier n° 2*, de 1912, João Pedro Rodrigues remete – de forma inversa – para a relação que a pintura estabeleceu com o emergente cinema (ou, de forma mais concreta, com a cronofotografia de Étienne-Jules Marey e Eadweard Muybridge). Inversa porque se trata agora do cinema a remeter para a pintura que, por sua vez, remete para o cinema.

Mas a graça deste pequeníssimo filme está na forma como os jogos de inversão se multiplicam. Onde o quadro de Duchamp procurava produzir uma “representação estática do movimento” (nas palavras do próprio pintor), o filme de Rodrigues procura uma representação em movimento da estase. Na desfragmentação do corpo e na pulverização da imagem, o filme aproxima-se da fixação pictórica de um quadro a óleo. Com a particularidade que se trata do corpo do próprio Rodrigues, desfeito numa mancha, transformado – definitivamente – em imagem. Só que as coisas não ficam por aqui. Ao tratar-se de um “reaproveitamento” (um filme feito com os “restos” de outro – como aconteceu com algumas das curtas asiáticas e tem acontecido noutros filmes-encomenda, como **Spot Queer Lisboa 13, 20 Segundos de**

Vídeo [feito para o vigésimo aniversário do Doclisboa] e **Tempo**), de um exercício de ressignificação, **Nude Descending a Staircase, 2020** apresenta-se também como um comentário irónico sobre o conceito do *objet trouvé* que o próprio Duchamp só viria a trabalhar anos depois dessa pintura. Ao “encontrar” um objeto sem autor dentro da própria obra, há da parte de Rodrigues uma nova forma de despersonalização que vem apenas reforçar toda a “jornada de apagamento” iniciada em **O Ornitólogo** e que tem neste pequeníssimo filme o seu ponto culminante.

Ricardo Vieira Lisboa